

## A descendência Bunn/Schwabe

**Clarmi Regis<sup>1</sup>**

**Maria Ester Menegasso<sup>2</sup>**

Hoje somos muitos, mais de quatrocentos primos, se contarmos apenas os originários de Celestina Bunn e Mathias Augusto Schwabe; milhares, se contabilizarmos todos os integrantes da grande família descendente dos imigrantes **Bunn** e **Schwabe**<sup>3</sup>, que, no século XIX, buscaram em Santa Catarina seu segundo lar.<sup>4</sup> Ao mergulhar nas lembranças que guardamos de nossos avós, o que se recupera é, muitas vezes, o silêncio. Pouco falavam de si mesmos, de sua história, de seus sonhos. Surpreende-nos, hoje, porém, nas diferentes gerações, somada a diferentes influências, a similitude nos afetos, nos costumes, nas buscas, nas escolhas. Encontramos a resposta a essa constatação no legado si-

---

<sup>1</sup> Natural de Campos Novos/SC, reside em Florianópolis/SC. Professora, pesquisadora, mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); diversos trabalhos publicados; filha de Maria Schwabe, neta de Celestina Bunn e Mathias Augusto Schwabe. Contato: [clarmiregis@gmail.com](mailto:clarmiregis@gmail.com).

<sup>2</sup> Natural de Campos Novos/SC, reside em Balneário Camboriú/SC. Professora, pesquisadora, doutora em Engenharia de Produção e mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Atuou nas áreas de Administração Pública e Serviço Social; tem diversos trabalhos publicados; é filha de Ermelinda Nair Schwabe Menegasso e neta de Celestina Bunn e Mathias Augusto Schwabe. Contato: [menester@uol.com.br](mailto:menester@uol.com.br).

<sup>3</sup> Esta narrativa é desenvolvida a partir da publicação “Uma Germânia nos trópicos: a família de Celestina Bunn e Mathias Augusto Schwabe”, das mesmas autoras. Os dados genealógicos e as datas constantes deste relato são resultado de pesquisas realizadas nas instituições mencionadas ao final do trabalho (cartórios, prefeitura de Rancho Queimado, arquidiocese de Florianópolis, sítios on-line, anotações resultantes de entrevistas feitas por integrantes da família) e podem ali ser conferidos.

<sup>4</sup> Encontram-se, na relação dos sobrenomes de imigrantes estabelecidos na Colônia Santa Isabel – Águas Mornas e Rancho Queimado, os sobrenomes BUNN, sob número 62, e SCHWABE, sob número 468, na publicação “Imigração Alemã”. Disponível em: [www.tonijochem.com.br/tabela\\_santaisabel.htm](http://www.tonijochem.com.br/tabela_santaisabel.htm). Acesso em: 4 out. 2023.

lencioso que nossos avós nos deixaram. Os sonhos que acalentaram, eles nos transmitiram na luta cotidiana; os valores da convivência, fizeram refletir em cada gesto; a fé, no brilho dos olhos. Foram eles, em sua maneira de viver e de olhar o mundo maior, que deram forma, não só à coragem, mas ainda à resiliência, à solidariedade, ao caminho para a compreensão, à busca da verdade, que marcam o cotidiano dos descendentes. Também em nós ficaram os medos, a introspecção, a reserva, a resignação.

## Parte 1 – O Patriarca Bunn<sup>5</sup>

Nelson Jacob Bunn (nascido em 04.12.1932 e falecido em 21.11.2013)<sup>6</sup>, dedicou-se, por mais de vinte anos, a pesquisar e resgatar a origem e as ramificações da família Bunn. Registra que as informações aqui apresentadas (com poucas exceções de datas e pequenos detalhes) são fruto de entrevistas, visitas a localidades e cemitérios. Iniciou ele esse trabalho após a morte de seu pai, Jacob Pedro Bunn, em 1989.

*Devo ter percorrido perto de 50 mil quilômetros, tornando várias vezes a entrevistar pessoas, a rever cemitérios, a fazer ligações telefônicas para vários estados brasileiros – Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Rondônia, Rio de Janeiro, Minas, Espírito Santo – e em diferentes cidades, até mesmo em Brasília. Em mais de uma vez, embora me identificando e explicando o objetivo de minha entrevista, obtinha a resposta: “Você é funcionário do governo e está aqui para aumentar imposto!”. Mas, na grande maioria das vezes, todos colaboravam e mostravam interesse.<sup>7</sup>*

O imigrante **Wilhelm Bunn**<sup>8</sup> (Guilherme Bunn), integrante de uma família de muitos filhos, nasceu em 12 de fevereiro de 1832, em Bischofsdhron, Bernkastel, Rhineland, Germany Rheinland-Pfalz, Alemanha e chegou a Desterro, Santa Catarina, em 1862, com a esposa, Elisabeth Müller, e os filhos Jacobus e Joannes.<sup>9</sup> Toni Jochem, no entanto, assinala outra data: *“Remetidos pelo Governo Imperial à Província de Santa Catarina aos 16 de abril de 1863, vindos da Antuérpia, na Bélgica, no Brigue Oldemburguês ‘Mowe’, foram instalados nas Colônias do Estado de sua livre preferência”* (1997, p. 421-422).

Os pais de Guilherme Bunn foram Joannes Bunn e Maria Helena Friderich. Joannes Bunn nasceu em 3 de novembro de 1789, em Bossweiler, Rheinland-Pfalz, Alemanha, onde foi batizado em 4 de novembro de 1789. Casou-se com Maria Helena Friderich em

---

<sup>5</sup> Grande parte das informações sobre a família Bunn aqui constantes são extraídas do trabalho intitulado Wilhelm (Guilherme) e seus filhos. Lages, s.d., desenvolvido por Nelson Jacob Bunn, e das anotações constantes de Genealogia Bunn. Lages, s.d., também de Nelson Jacob Bunn, que faleceu no ano 2013, sem publicar suas pesquisas.

<sup>6</sup> Informação das datas obtida de familiares.

<sup>7</sup> BUNN, Nelson Jacob. Wilhelm (Guilherme) e seus filhos. Lages: s.d., inédito, p. 17.

<sup>8</sup> Seu prenome também é encontrado como Guilelmus, Wilhelmus, Guillelm, Willelm e Guilherme, em diferentes publicações. No desenvolvimento deste trabalho, passamos a adotar a grafia Guilherme.

<sup>9</sup> Deutschland Geburten und Taufen, 1558-1898, database, FamilySearch <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:N64B-5XM>: 25 March 2020, Guilelmi Bunn in entry for Joannes Bunn, 1860. Acesso em: vários acessos em 2009 e 2010, 2019, com destaque para 25 mar. 2020.

11 de janeiro de 1813, em Bischofsdhron, Rheinland-Pfalz, Alemanha. Faleceu em 1854. Não há informações de ter esse casal migrado para o Brasil.

Guilherme casou-se com Elisabeth Müller, em 21 de maio de 1858, ainda em Bischofsdhron, Rheinland-Pfalz, Alemanha. Elisabeth, nascida em 4 de abril de 1825, também em Bischofsdhron, foi batizada na mesma localidade, em 5 de abril de 1825. Veio a falecer em 1869, em Angelina, onde está sepultada.<sup>10</sup> Não encontramos menção ao local específico nem ao cemitério em que se encontra.

Informações colhidas entre os descendentes apontam que Guilherme e Elisabeth, depois de estabelecidos no Brasil, tiveram mais alguns filhos, dos quais não encontramos informações precisas.

### Filhos de Guilherme e Elisabeth<sup>11</sup>

Nº	NOME	LOCAL DE NASCIMENTO	DATA DE NASCIMENTO	DATA DE FALECIMENTO
<b>01</b>	<b>Jacobus (Jakob, Jacob)</b> (pai de Celestina Bunn)	<b>Alemanha</b>	<b>23.12.1858</b>	<b>03.03.1917</b>
02	Joannes	Alemanha	02.09.1860	s.d.
03	Maria	Brasil	01.04.1865	s.d.
04	Peter (Pedro)	Brasil	29.06.1866	30.06.1929
05	Bertha (Bertolina)	Brasil	1869	1937

No que se refere a Joannes, o segundo filho de Guilherme, com ele vindo menino para o Brasil, pouco se encontra. O sítio consultado<sup>12</sup> registra o ano de 1860 como de seu nascimento. Frei Raul Bunn/OFM<sup>13</sup>, nome religioso de Bruno Bunn na Ordem Franciscana, e Francisco Bunn<sup>14</sup>, netos de Guilherme, relataram ter visitado descendentes de Joannes no sudoeste do Paraná, na região de Francisco Beltrão, em Salto das Antas, e recebido informações de que Joannes, ainda jovem, havia-se transferido de Santa Catarina para o Paraná.<sup>15</sup>

<sup>10</sup> Deutschland Geburten und Taufen, 1558-1898, database, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:N64B-5XM: 25 March 2020>), Guilelmi Bunn in entry for Joannes Bunn, 1860. Acesso em: vários acessos em 2009, 2010, 2019, com destaque para 25 mar. 2020.

<sup>11</sup> BUNN, Nelson Jacob. Genealogia Bunn. Lages: s.d., inédito, p. 1.

<sup>12</sup> <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/portrait/K2Q2-FH55>. Acesso em: 2009.

<sup>13</sup> O Pe. Frei Raul Bunn nasceu em Rancho de Tábuas, interior do município de Angelina/SC, em 29 de outubro de 1917, e faleceu em Santo Amaro da Imperatriz/SC, em 30 de janeiro de 1992. Está sepultado no Cemitério da Ordem Terceira Secular, em Angelina/SC.

<sup>14</sup> Nascido em 11 de março de 1925. Não encontramos informações sobre a data de sua morte. Buscamos em diferentes sítios informações sobre nascimento e morte de Francisco Bunn, e nada mais encontramos além dos dados registrados em: BUNN, Nelson Jacob. Wilhelm (Guilherme) e seus filhos. Lages: s.d., inédito, p. 3.

<sup>15</sup> BUNN, Nelson Jacob. Wilhelm (Guilherme) e seus filhos. Lages: s.d., inédito, p. 1.

Tendo Elisabeth Müller falecido em 1869, Guilherme Bunn casou-se com Susanna Chapeaux, cujo sobrenome também é encontrado grafado como: Schapoo, Schapo, Shapoo, Chapo e Shapeaux.

Susanna nasceu em Fischbach, Diekirch, Luxemburgo, em 1846. Era filha de Michel Shapeaux (Chapeaux) e Anna Maria Jacoby. Guilherme faleceu em 1902, em Angelina. Desconhecemos o local em que foi sepultado. Susanna faleceu em 1920<sup>16</sup> em Biguaçu/SC, onde está sepultada junto ao filho Frederico.<sup>17</sup> De sua união com Guilherme, descendem nove filhos.

### Filhos de Guilherme e Susanna Schappo (Chapeaux)<sup>18</sup>

Nº	NOME	CÔNJUGUE	DATA DE NASCIMENTO	DATA DE FALECIMENTO
01	Theresa	Pedro Matias Kuhn	21.08.1873	20.06.1945
02	Anna	Nicolau May	07.05.1874	17.09.1956
03	Mathias	Juliana Hammes	18.06.1877	09.08.1943
04	Gustavo	Augusta Carolina Henn e depois, viúvo, com Angelina Kammer	19.09.1879	s.d.
05	Frederico	Maria Luiza Junckes	23.04.1883	06.06.1962
06	Guilherme Jacob	Matilde Guilhermina Gollich	06.02.1884	01.01.1957
07	Charlotte	n.i.	1886	23.03.1958
08	Catarina	n.i.	s.d.	s.d.
09	Roberto	n.i.	1890	24.09.1962

Em 1868, Guilherme Bunn recebeu 100.000 braças quadradas de terras à margem esquerda do Ribeirão Scharff, conforme documento a seguir apontado – foto constante dos registros de Nelson Jacob Bunn.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> BUNN, Nelson Jacob. Genealogia Bunn. Lages: s.d., inédito, p. 2. O sítio <https://www.familysearch.org/tree/person/changeLog/L6M2-CM7> registra 1919.

<sup>17</sup> BUNN, Nelson Jacob. Genealogia Bunn. Lages: s.d., inédito, p. 2

<sup>18</sup> BUNN, Nelson Jacob. Wilhelm (Guilherme) e seus filhos. Lages: s.d., inédito, p.1; e BUNN, Nelson Jacob. Genealogia Bunn. Lages: s.d., inédito, p. 2.

<sup>19</sup> Nelson Jacob Bunn, em suas anotações, guardava cópia desta outorga provisória, conseguida por Avelino Mohmm: são quase três páginas com 10 itens de um contrato bilíngue, cujo preâmbulo condiciona “*cultura e morada habitual e efetiva [...]*”. Confirma-se, assim, a localização das terras e moradia de Guilherme Bunn na região do atual município de Rancho Queimado, mais precisamente, em Ribeirão Scharff.



Fig. 1: Designação de lote de terras expedido pela Província de Santa Catarina.

Jochem (1992, p. 99), em **Pouso dos Imigrantes**, confirma essa informação.

*Títulos Provisórios de Terras concedidos por Theodoro Todeschini em 15 de julho de 1868, aos imigrantes localizados em 'Ribeirão Scharff' na Colônia de Santa Isabel: Lote nº 01 – **Guilherme Bunn** – 100.000 braças quadradas na margem esquerda da estrada Florianópolis-Lages.*

### Jacob Bunn e Maria Catharina Heiterscheid

O relato aqui se detém em **Jacobus Bunn (Jacob)**<sup>20</sup>, filho de Guilherme Bunn e Elisabeth Müller, e sua esposa, **Maria Catharina Heiterscheid**, filha de Andreas Heiterscheid e Theresa Reuter.

**Jacob Bunn** nasceu em 23 de dezembro de 1858, em Bischofsdhron, Rheinland-Pfalz, Alemanha, e ali foi batizado no dia 25 do mesmo mês e ano. Faleceu em 3 de março de 1917, em Rancho de Tábuas, Angelina/SC, para onde migrara ainda menino acompanhando seus pais, como registrado anteriormente.<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Seu prenome é encontrado grafado como Jacob, Jakob, Jackob, Jacó, Jacobus em diferentes publicações. No desenvolvimento deste trabalho, passamos a adotar a grafia Jacob.

<sup>21</sup> Deutschland Geburten und Taufen, 1558-1898, database, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:N64B-5XM : 25 March 2020>), Guilelmi Bunn in entry for Joannes Bunn, 1860. Acesso em: vários acessos em 2009, 2010, 2019, com destaque para 25 mar. 2020.

**Maria Catharina** era nascida em 29 de maio de 1857, em Mersch, Luxemburgo. Encontra-se, em alguns sítios, que Andreas seria padrasto de Maria Catharina. No sítio Luxemburg Zivilstandsregister, 1796-1941 Mersch Naissances 1818-1869, consta ter ela recebido inicialmente o nome de Maria Catharina Reuter, o que confirma essa possibilidade. Também o *Family Search* registra Maria Catharina como filha adotiva.<sup>22</sup> Veio ela a falecer em 18 de abril de 1914, em Rancho de Tábuas.



Fig. 2 e 3: Jacob Bunn e Maria Catharina Heiterscheid (s.d). (Acervo: Toni Jochem).

Jacob Pedro Bunn, pai de Nelson, lembrava que seu avô Jacob era assaz generoso com todos os seus empregados (e eram muitos). Com visita ou sem visita, as mesas eram fartas de carne fresca ou carne seca. Ninguém saía insatisfeito de sua casa.

*Embora eu não chegasse a conhecê-lo, recordo-me dos hábitos que presenciava na família de meu avô, que era o mais velho dos filhos do meu bisavô. Mesa longa, de madeira rústica, ladeada de pesados bancos. Só de filhos, eram 16. Ao levantar, acontecia o "quebra-jejum", uma xícara de café preto puro: torrado e moído em casa. Pelas 9 horas da manhã, era servido o almoço, com pão, bolinhos fritos mais queijo, ovos, batata doce, frutas. Era, realmente, um almoço. Ao meio-dia, realizava-se a "janta", cujo cardápio era totalmente de comida quente: carnes, feijão, arroz, saladas variadas. À tarde, ocorria o café, cuja base, novamente, inspirava-se no "almoço" matinal. À noite, servia-se a ceia, ocasião em que se davam tréguas às refeições pesadas e fartas: chá-mate com leite. Nada de café, pois, dentro de pouco tempo, todos iriam repousar; não sem antes a família reunida fazer coletivamente suas preces, à luz de lampiões ou lamparinas de querosene, ou velas crioulas, fabricadas de cera de abelha.<sup>23</sup>*

<sup>22</sup> <https://www.familysearch.org/tree/person/details/LY4P-7XH>. Acesso em: 2019.

<sup>23</sup> BUNN, Nelson Jacob. Genealogia Bunn. Lages: s.d., inédito, p. 3.

Nelson Jacob Bunn destaca em seus registros que muitas são as histórias contadas pelos descendentes sobre Jacob.

*Ele sempre se esmerava em ter as melhores montarias da região. Certa feita, alcoolizado, invadiu, a cavalo, uma “venda” – como eram denominados à época esses estabelecimentos –, quebrando todo o estoque a tiros, causando verdadeiro pânico, não apenas no proprietário, mas em todos os circundantes. No dia seguinte, refeito da ressaca, encaminhou-se ao estabelecimento e perguntou ao dono o montante do estrago. O proprietário, apavorado com a figura da véspera, orçou muito aquém o prejuízo presumido. O valentão Jacob triplicou o prejuízo calculado e derramou o montante, em “patacas”, sobre o rústico balcão, qualificando, ainda, o proprietário de medroso pelo ridículo cálculo diante de tanto prejuízo. Esse temperamento sanguíneo não o impedia de participar de atividades ou de tomar iniciativas em favor do bem coletivo. As tropas de gado serrano passavam, quando em direção ao litoral, pela região hoje reconhecida como Rancho de Tábuas. Uma tropa de 300 bois fez desabar a ponte de madeira que lhes dava passagem. Jacob Bunn construiu um pequeno **rancho de tábuas** – daí a origem do nome da localidade – para abrigo dos tropeiros.<sup>24</sup>*



Fig. 4: Igreja de Mersch, Luxemburgo, terra natal das famílias Reuter e Heiterscheid, julho 2020 (Acervo: Mariana Regis Knippschild, bisneta de Celestina).

Fig. 5: Casa em que Jacob Bunn e Maria Catharina Heiterscheid criaram seus filhos, em Rancho de Tábuas, Angelina/SC; s.d.; (Acervo: Nair Adelaide Bunn Thives).



<sup>24</sup> BUNN, Nelson Jacob. Genealogia Bunn. Lages: s.d., inédito, p. 3.

## Filhos de Jacobus Bunn e Maria Catharina Heiterscheid<sup>25</sup>

Nº	NOME	DATA DE NASCIMENTO	DATA DE FALECIMENTO	CÔNJUGE
01	Pedro Jacó	04.11.1881	21.10.1958	Apolônia Goedert
02	Guilherme Jacó	23.12.1884	30.01.1938	Maria Kretzer
03	Catarina	01.11.1885	31.05.1969	João Francisco Goedert
04	Rosalina	16.11.1887	24.11.1970	Bruno Goedert
05	Maria	02.02.1889	s.d.	Leopoldo Francisco Kretzer
06	Carolina	1892		
<b>07</b>	<b>Celestina</b>	<b>05.03.1894</b>	<b>10.07.1974</b>	<b>Mathias Augusto Schwabe</b>
08	Filomena	29.04.1900	26.12.1982	Libório Goedert
09	Berta	s.d.	falecida com aproximadamente 17 anos e sepultada em Rancho de Tábuas	Solteira

Jacob Bunn e Maria Catharina Heiterscheid estão sepultados no cemitério de Rancho das Tábuas, em Angelina/SC.

Observa-se, na foto ao lado, que os registros indicativos afixados ao túmulo estão escritos em alemão, remetendo o olhar do visitante à origem das famílias dos mortos ali enterrados.

Fig. 6: Túmulo de Jacob Bunn e Maria Catharina Heiterscheid, em Rancho de Tábuas (jan. 2021) (Acervo de Toni Jochem).



<sup>25</sup> Fonte: <https://www.familysearch.org/tree/person/details/LY4P-7XH> . Acesso em: 2019.

## A Família Schwabe-Bunn

A narrativa que aqui trazemos se concentra em **Celestina**, filha de **Jacobus Bunn** e **Maria Catharina Heiterscheid**, e **Mathias Augusto Schwabe**, filho de **Johann August** e **Gertud Schwabe**, avós maternos das autoras.

## O Patricarca Schwabe

O imigrante **Johann August Schwabe** nasceu em 1847, em “*Siddelken*”, Baden-Württemberg, Alemanha. Era filho de **Johann Gottfried Schwabe**, pastor evangélico que exercia sua missão em Leipzig e arredores, e de **Emilie Richter**.<sup>26</sup>

É sugerido que seus pais tenham permanecido na Alemanha, e de sua família, somente **Johann August** emigrou para o Brasil. Nos registros históricos coletados por Philipp (1995) e Jochem (1999), encontramos que Johann August Schwabe veio para o Brasil, ainda solteiro, com um grupo de imigrantes, após 1860. Segundo Philipp (1995, p. 357), Johann adquiriu terras situadas em Congonhas, localidade a que se tinha acesso por uma estrada aberta entre Barro Branco e Angelina.

**Herr Schwabe**, como Johann ali ficou conhecido, casou-se, em 15 de outubro de 1877, com **Gertrudes Junckes (Gertrud)**, filha de Manuel Junckes e Maria Kreuzsch, na Colônia São Pedro de Alcântara, onde Gertrudes nascera em 6 de junho de 1858.<sup>27</sup>

Interessante é notar que Gertrudes, morena, olhos castanhos, cabelos lisos e escuros, porte delicado, quebrando a uniformidade do tipo físico germânico até então predominante na família, trouxe essas características para as novas gerações, como pode facilmente ser percebido em Mathias Augusto e em alguns de seus filhos, e se repete em muitos de seus netos.

Johann (João) e Gertrudes, segundo depoimento de familiares e de pessoas conhecidas do casal ou de seus descendentes, sempre viveram em Santa Filomena. Ambos, segundo esses depoimentos, estão sepultados no cemitério de Santa Filomena.<sup>28</sup>



Fig. 7: Gertrudes Junckes (déc. 1910). (Acervo: Maria Schwabe).

<sup>26</sup> Os nomes dos pais de Johann August constam nos registros de batismo de seus filhos. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y3S9-SLDY?view=index&action=view> Acesso em: 26 fev. 2024.

<sup>27</sup> Fonte: <https://gw.geneanet.org/genealogiasulbrasil?lang=en&p=gertrudes&n=junkers&oc=1>. Acesso em: 2019.

<sup>28</sup> SMITT, Imelda. Entrevistas [fev. 2018]. Entrevistador: José Francisco Salm. Brusque/SC, 2018 (anotação em bloco de notas).

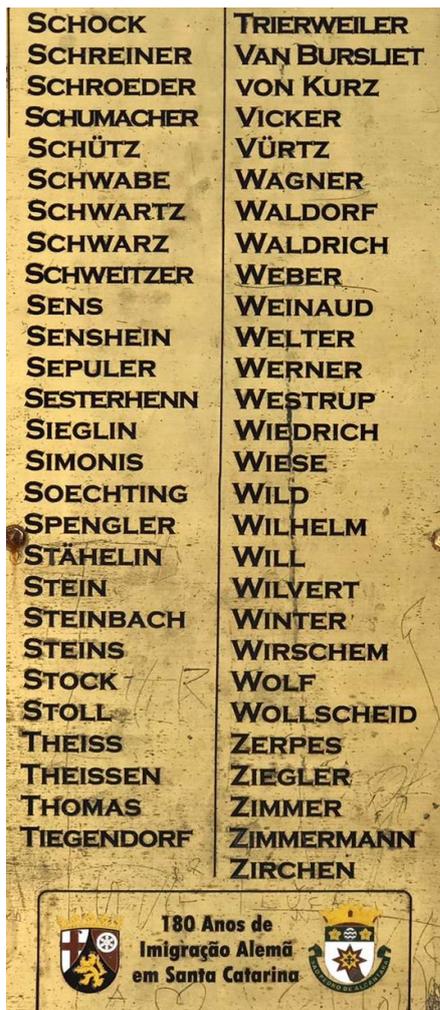


Fig. 8: Placa afixada no "Obelisco dos Imigrantes em São Pedro de Alcântara/SC", fev. 2024 (Acervo: Toni Jochem).

No local em que residiam, já não existem edificações do século passado e não se encontra qualquer registro físico da presença de Johann e Gertrudes. No cemitério da localidade, permanecem, porém, as sepulturas de Helena Schwabe e Matias Gorges, filha e genro do casal.

O sobrenome Schwabe aparece na nominata dos imigrantes relacionados na placa afixada no "Obelisco dos Imigrantes", monumento erguido em São Pedro de Alcântara.

Dentre as lembranças guardadas pelos descendentes de Johann August, consta sua participação na Guerra Franco-Prussiana, o que veio a lhe garantir um determinado soldo pago pelo governo alemão. A informação, no entanto, não esclarece se essa participação se deu como pastor ou como combatente.

Relatos de descendentes afirmam que **Johann August Schwabe** imigrou com o objetivo de ser pastor evangélico e professor na colônia que viria a habitar. Acrescentam que, todavia, ao chegar a São Pedro de Alcântara, teve que modificar seu projeto, por ser o núcleo formado por católicos, que não necessitavam de pastor e sim de professor de alemão.

Segundo a tradição oral que passou de família a família, destaca-se que "*Herr Schwabe, era um homem inteligente, com muito conhecimento; também era carpinteiro e, quando não havia serviços de carpintaria, trabalhava na roça*".<sup>29</sup>

Os familiares afirmam que ele também foi professor e mostram-se orgulhosos de que, com os seus conhecimentos, tenha servido à comunidade (Osvaldo, neto de Johann, filho de Mathias Augusto). Essa opinião é manifestada também pela entrevistada Imelda Smitt, para quem "*Herr Schwabe, durante toda a sua vida, serviu a comunidade*".<sup>30</sup>

Os relatos mostram que o casamento com Gertrudes Junkers, que era católica, marcou a conversão de Johann ao catolicismo, religião em que também seus filhos foram criados.

<sup>29</sup> SMITT, Imelda. Entrevistas [fev. 2018]. Entrevistador: José Francisco Salm. Brusque/SC, 2018 (anotações em bloco de notas).

<sup>30</sup> SMITT, Imelda. Entrevistas [fev. 2018]. Entrevistador: José Francisco Salm. Brusque/SC, 2018 (anotações em bloco de notas).

### Acrescentam os que a conheceram que **Bas<sup>31</sup> Gertrudes**

*[...] era uma parteira muito ladina, com muito conhecimento para aquela época, benquista na comunidade; trouxe muita criança ao mundo, salvou muita criança dos males de infância, com cuidados, dedicação, remédios caseiros e benzeduras... Ela quase não parava em casa; mal chegava, vinham buscá-la para atender outra mulher ou criança. Quando muito idosa, Bas Gertrudes era ainda procurada pelas pessoas para receitar.<sup>32</sup>*

Esclarecemos que nada consta sobre a escolarização de Gertrudes, deduzindo-se que seus conhecimentos vinham da prática familiar e de sua vontade de auxiliar as pessoas da comunidade em que vivia.

Para curar os seus males físicos, os moradores buscavam recursos na medicina caseira, com os quais alcançavam, muitas vezes, bons resultados. Como *Bas* Gertrudes era parteira, era chamada com frequência para prestar ajuda. Destaca-se a importância desse trabalho para uma população que, naquela época – final do século XIX e início do século XX –, sofria com a ausência de serviços na área da saúde. Os recursos mais próximos ficavam em Florianópolis e o deslocamento até a capital era difícil, pois as estradas mais pareciam picadas e vielas. O meio de transporte usado por todos, homens, mulheres e crianças, era o cavalo; depois vieram as aranhas e os carros de molas, meios estes pouco adequados ao transporte de doentes.

**Gertrudes** transmitiu seus saberes à filha Helena, também lembrada como uma parteira muito benquista na comunidade. Os conhecimentos demonstrados por Helena sobre práticas voltadas para a saúde são, por todos, tidos como surpreendentes.<sup>33</sup>

### Filhos de Johann August Schwabe e Gertrudes Junckes<sup>34</sup>

Nº	NOME	CÔNJUGE
01	Francisco Augusto	Anna Maria Trierweiller
02	Gertrudes	Vicente Gaspar Raimundo
03	Helena	Matias Gorges Filho
04	Alfredo	Cecília Gorges
05	Margarida	Roberto Prim
<b>06</b>	<b>Mathias Augusto</b>	<b>Celestina Bunn</b>
07	Augusto Mathias	Maria Meurer
08	José	Emilia Krieger

<sup>31</sup> A palavra “*Bas*” é utilizada no dialeto alemão falado na região das colônias alemãs da Grande Florianópolis para referir-se ao ofício de parteira.

<sup>32</sup> SMITT, Imelda. Entrevistas [fev. 2018]. Entrevistador: José Francisco Salm. Brusque/SC, 2018 (anotações em bloco de notas).

<sup>33</sup> SMITT, Imelda. Entrevistas [fev. 2018]. Entrevistador: José Francisco Salm. Brusque/SC, 2018 (anotações em bloco de notas).

<sup>34</sup> Fonte: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/landscape/KXDZ-ZXJ>. Acesso em: 26 fev. 2024.

## Mathias Augusto Schwabe e Celestina Bunn

**Mathias Augusto Schwabe** nasceu em 24 de agosto de 1893, em Santa Filomena. Casou-se com **Celestina Bunn** em 25 de setembro de 1915, em Rancho de Tábuas.<sup>35</sup> Passou então a residir em Rancho Queimado/SC, local em que viveu até o fim da sua existência. Faleceu em 8 de dezembro de 1970, em Rancho Queimado, onde está sepultado.<sup>36</sup> Mathias Augusto Schwabe é lembrado pelos que o conheceram como uma pessoa de relacionamento agradável e brincalhão. Além das terras próximas à residência, dedicava-se ao faxinal, onde mantinha a criação de gado e também a plantação de milho. Uma porção da terra era cedida para plantio a outros colonos, em regime de parceria – troca de parte da produção.

Em documento elaborado por Osvaldo Paulo Schwabe, este refaz a trajetória paterna e lembra que Mathias Augusto Schwabe, ainda morando em Angelina e trabalhando com o irmão Francisco, foi o autor de toda a ferragem que ainda se encontra na Gruta de Angelina (grades, portões, ornamentos). Já em Rancho Queimado, após o casamento, manteve a ferraria em que fabricava carroças, charretes, suportes para pontes, ferraduras, instrumentos para serrarias e engenhos e diversas outras instalações, tafonas, balanças e diferentes objetos em ferro.

Seu domínio sobre a arte de moldagem do metal o tornou conhecido em toda a região e se manteve mesmo após a sua morte. Ajudou a construir as igrejas católica e protestante, símbolos da religiosidade das pessoas que fizeram crescer Rancho Queimado.

Chama a atenção, por outro lado, o conhecimento que detinha sobre os cuidados com a saúde dos animais, cuidados esses que, certamente aprendera com sua mãe Gertrudes, que não só era parteira, mas também conhecia formas de combater as moléstias mais comuns em sua época, prática que adquiriu dos seus antepassados.

Posteriormente, junto à ferraria onde se fabricavam “**os 3Fs – ferramentas, ferraduras e facas**” como dizia Ermelinda Nair Schwabe Menegasso, filha caçula de Celestina Bunn e Mathias Augusto Schwabe, este mandou instalar uma bomba de gasolina, como uma maneira de ampliar os serviços prestados em Rancho Queimado. Nesse momento, os filhos mais velhos já buscavam novos caminhos e não faziam mais parte do cotidiano familiar. Novos tempos, novos investimentos.

**Celestina Bunn** nasceu em 5 de março de 1894, em Rancho de Tábuas, Angelina/SC, e ali foi batizada em 26 de maio do mesmo ano. Foram seus padrinhos: Henry May e Celestina Goedert.<sup>37</sup>

Tendo casado com **Mathias Augusto Schwabe**, em 25 de setembro de 1915, em Angelina<sup>38</sup>, **Celestina** foi com ele residir em Rancho Queimado, em propriedade recebida do pai, Jacob

---

<sup>35</sup> Cartório de Registro Civil e Tabelionato. Certidão de casamento. Livro nº B/2. Angelina/SC.

<sup>36</sup> Certidão de óbito expedida pela Escrivania do Município de Rancho Queimado, Comarca de Santo Amaro da Imperatriz/SC.

<sup>37</sup> Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina – Cúria Metropolitana de Florianópolis/SC.

<sup>38</sup> Cartório de Registro Civil e Tabelionato. Certidão de casamento. Livro nº B/2. Angelina/SC.

Bunn, proprietário de considerável extensão de terras, herdadas de Guilherme, como vimos anteriormente. **Mathias Augusto Schwabe** e **Celestina Bunn** tiveram dez filhos, todos nascidos em Rancho Queimado:

**Filhos de Mathias Augusto Schwabe e Celestina Bunn**<sup>39</sup>

Nº	NOME	DATA DE NASCIMENTO	FALECIMENTO	CÔNJUGE	FILHOS
01	Maria	01.07.1916	29.04.2003, em Florianópolis/SC, sepultada no Cemitério Jardim da Paz na mesma cidade	Clarimundo Ferreira Regis (Santos)	Clarma, Clarmi e Clarimar
02	José Mathias	25.03.1918	06.05.1998, em São Bonifácio/SC, sepultado no Cemitério na mesma localidade	Hilda Vanroo	Eni Bernadete, Edithe Maria, Lourena, Marilene, Estélio José e Vânia
03	Tereza	20.01.1920	16.11.2013, em Passo Fundo/RS, cremada em Balneário Camboriú/SC	Altino Marques	Marly Teresinha, Altino Filho, Maria Salete e Mara Regina
04	Otílio Matias	14.11.1921	28.09.1991, em Joaçaba/SC, sepul- tado no Cemitério Lu- terano de Rancho Queimado/SC	Edilha Schauffler	Oneide Teresi- nha, Odair Augusto, Olcinei Maria, Olcenir Paulo e Olmir José
05	Cecília	24.11.1923	05.06.2014, em São José/SC, sepultada no cemitério Nosso Senhor dos Passos da Ponta de Baixo, na mesma ci- dade	Avelino Rocha	Paulo César
06	Adelina	17.03.1925	28.11.2009, em Curitiba/PR, sepultada no Cemitério Jardim Itaguaçu, Curitiba/PR	Carlos Hugo Iung	Mário, Marilda Alvina, Marina, Milton Jacó e Marlene
07	Irineu	04.06.1927	21.09.2000, em Blumenau/SC, sepultado no cemitério São José na mesma cidade	América Borba	Sônia Maria

<sup>39</sup> Certidões de nascimento expedidas pela Escrivania de Paz do Município de Rancho Queimado, Comarca de Santo Amaro da Imperatriz/SC.

08	Oswaldo Paulo	14.07.1929	23.03.2015, em Rancho Queimado/SC, sepultado no Cemitério Católico na mesma localidade	Zaide Maria Coelho	Paulo Rogério, Antônio Carlos e Márcio César
09	Antônio Eriberto	26.01.1932		Laís Essenfelder Ehrl	Carlos Eduardo, Rogério e Karin
10	Ermelinda Nair	26.01.1932	29.10.2015, em Lages/SC, sepultada no Cemitério Parque da Saudade na mesma cidade	Hélio Menegasso	Maria Ester, Antônio Hélio, Mara Eliane, Meire Elizabeth, Mariza Elena, Rita de Cássia e Laércio Afonso

Os filhos chamavam Celestina carinhosamente de *Mota*<sup>40</sup>, e assim ela passou a ser chamada também pelos netos e bisnetos. Mesmo agora, as novas gerações, quando se referem aos antepassados, mencionam “a Mota” para falar em Celestina. Católica, a prática da religião lhe passava segurança e dava as respostas que procurava frente às dificuldades do cotidiano. A religiosidade, marca de sua vida, é lembrada pelos que com ela conviveram de perto.



Fig. 9: Celestina Bunn e Mathias Augusto Schwabe com os filhos, em foto provavelmente de 1940. Da esquerda para a direita: Ermelinda, Celestina e Mathias Augusto, sentados; em pé, da esquerda para a direita: Oswaldo Paulo, Adelina, Maria, Otílio, Tereza, José, Irineu, Cecília e Antônio Eriberto (Acervo das autoras).

<sup>40</sup> “Mota” é como se dá a pronúncia no dialeto alemão falado na região das colônias alemãs da Grande Florianópolis para referir-se à mãe, por vezes utilizada para a avó. Em alemão mãe = *Mutter*.

"A Mota morou um tempo lá em casa", comentava Lourena<sup>41</sup>, "ela lia a Bíblia horas e horas". A autora Ester também se recorda desse fato.

Observe-se que a mãe de Celestina se chamava Maria, e a avó, Tharesia (Teresa). Celestina prestou homenagem a ambas, dando esses nomes às duas filhas mais velhas: vemos aqui as gerações entrelaçadas pelos nomes.

Celestina Bunn faleceu em 16 de julho de 1974, em Rancho Queimado, e está enterrada no cemitério da igreja católica, ao lado do marido e, também, do filho Osvaldo Paulo, que veio a falecer em 23 de março de 2015.<sup>42</sup>

## Rancho Queimado

Desde o Brasil Colônia, as trocas comerciais eram feitas pelos tropeiros. Foram eles os responsáveis pela abertura de trilhas na mata virgem. Essas trilhas, mais tarde, tornaram-se caminhos e estradas a unir diferentes pontos do País. No sul, diferentemente das regiões leste e nordeste, o povoamento se fez lentamente e o trabalho dos tropeiros e suas mulas foi fator de integração e sobrevivência.

Como não havia ainda vilas, cidades, aglomerados humanos em sua passagem, os tropeiros, para se situarem, marcavam pontos de referência, que acabaram por ser reconhecidos pelos que atravessavam a região e, com o tempo, vieram a denominar as localidades que ali se formaram.

Hoje não encontramos mais os ranchos que nortearam os tropeiros, os bugres já não moram nas margens do rio, as águas talvez já estejam poluídas; mas ficaram a criatividade e a poesia dos que souberam enxergar um rancho de tábuas ou um rancho queimado e os destacaram na paisagem, deixando ali também a sua marca.

Na página oficial do município de Rancho Queimado, na internet, encontramos:

*A história de Rancho Queimado remonta de uma picada aberta em 1787, primeira ligação entre a serra e o litoral do Estado (a atual rodovia BR-282). Desta picada surgiram várias cidades na Serra Catarinense, entre elas Rancho Queimado. A localidade surgiu como um ponto de pernoite para os tropeiros que transportavam rebanhos do interior para a capital. A denominação Rancho Queimado surgiu da história de que nessa região existia um rancho que servia de ponto de pousada aos tropeiros, o qual se incendiou, conforme demonstraram os vestígios dele encontrados, o que deu origem ao nome do Município.*<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> KOERICH-SCHWABE, Lourena. Entrevistas [fev. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. São Bonifácio/SC, 2019 (gravação em celular e anotações em bloco de notas).

<sup>42</sup> Certidão de óbito expedida pela Escrivania de Paz, Município de Rancho Queimado, Comarca de Santo Amaro da Imperatriz/SC.

<sup>43</sup> Fonte: <http://www.rq.sc.gov.br/historia>. Acesso em: nov. 2019.



Fig. 10: Povoado de Rancho Queimado/SC (década de 1930) (Acervo das autoras).

Observa-se, na foto acima, o registro do aglomerado de casas de Rancho Queimado nos anos de 1930; entre elas, as casas em que, na época, moravam as famílias de Mathias Augusto Schwabe e Guilherme Jacó Bunn, irmão de Celestina Bunn.

Note-se, no antigo registro de Rancho Queimado, que as poucas construções acompanhavam o traçado da estrada. Destacam-se ali, também, as duas igrejas, a católica e a protestante, nas elevações mais à direita na foto.



Fig. 11: Casa em que Mathias Schwabe e Celestina Bunn viveram a sua velhice, em Rancho Queimado/SC (fev. 2024) (Fotografia de Juliana Schwabe Bruch).

A fotografia que segue mostra a casa de Guilherme Jacó Bunn, construída em 1918, hoje conhecida como Casarão Bunn.



Fig. 12: Casa de Guilherme Jacob Bunn. O Casarão. Rancho Queimado (2021) (Acervo de Toni Jochem).

O Casarão, considerado patrimônio histórico, é hoje ponto turístico valorizado por suas características arquitetônicas. Segundo Mariana Fogaça, na publicação "Viagem pelo Sul": *"A sua fachada é perfeita, repleta em detalhes contendo madeiras, vidros, cimalthas em formato de arabescos ao seu entorno, balaústres, ou seja, é uma verdadeira obra de arte"*.<sup>44</sup>

Sobre nosso primo, idealizador da construção e então proprietário do casarão, queremos esclarecer aqui que Guilherme Jacó era filho do patriarca Guilherme Bunn e de Elisabeth Müller, sua primeira esposa. Estranhamente, nosso antepassado deu o mesmo nome a outro filho, que teve em seu segundo casamento, com Susana Chapeaux, o que tem causado repetidas confusões.

Pessoas dotadas de um profundo sentido de religiosidade, os migrantes que vieram a se radicar nas terras que então faziam parte da Colônia Santa Isabel e viriam a formar o município de Rancho Queimado buscavam, no cumprimento do dever, a realização e o respeito da comunidade e faziam do trabalho caminho de obediência a Deus e de crescimento pessoal.

A história das famílias **Bunn** e **Schwabe** se entrelaça com a história de Rancho Queimado. Entre as assinaturas que constam da ata de instalação do Município de Rancho Queimado (29.12.1962), encontram-se as assinaturas de **Oswaldo Paulo Schwabe** (filho de **Mathias Augusto Schwabe**) e de **Jacob Guilherme Bunn** (filho de **Guilherme Jacob Bunn**, neto de **Jacobus Bunn**).

<sup>44</sup> Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cr1xZEvJOJV/>, viagem pelosul. Acesso em: 26 fev. 2024.

Oswaldo Paulo fez parte da primeira legislatura do Município. Como vereador, foi o relator da Resolução nº 27, de 1º de março de 1967, que criou o distrito de Taquaras (terra de seus avós maternos).

Aparecem, também, entre outras, as assinaturas de Jacob Guilherme Bunn – neto do casal Jacobus Bunn e Maria Catharina – e de seu filho Jaldir, que, na época, era exator estadual.

Mathias Augusto Schwabe foi juiz de paz, nos anos de 1925 e 1926, em Rancho Queimado, como mencionado por Oswaldo Paulo.<sup>45</sup>

Por relevantes serviços prestados à comunidade, Mathias Augusto foi homenageado, por meio da Lei Municipal nº 830/1993, de 29 de junho de 1993, que dá seu nome a uma das ruas centrais da cidade de Rancho Queimado.

A Prefeitura de Rancho Queimado, por meio da Lei nº 835/1993, de 25 de agosto de 1993, também dá o nome de Carlos Hugo Iung<sup>46</sup> à rua que se inicia na rua Nossa Senhora Protetora dos Nascituros e vai até a localidade de Rio Scharf, por relevantes serviços prestados por ele à comunidade. Essa determinação foi confirmada em 05 de março de 2013, por meio da Lei nº 1.533/2013.



Fig. 13: Placa indicativa da Rua Mathias Augusto Schwabe, em Rancho Queimado/SC. (mai. 2020) (Acervo das autoras).



Fig. 14: Rancho Queimado (mai. 2020). Fotografia tirada do mesmo ângulo da fotografia da década de 1930, Fig.10. (Acervo das autoras).

<sup>45</sup> SCHWABE, Oswaldo Paulo. Entrevistas [fev. 2009 a dez. 2009]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Rancho Queimado/SC, 2009 (anotações em bloco de notas).

<sup>46</sup> Carlos Hugo Iung, falecido em 24 de abril de 1977, em Curitiba/PR, era o marido de Adelina Schwabe, uma das filhas de Mathias Augusto e Celestina.

Rancho Queimado, num gesto de reconhecimento, não deixou de homenagear aqueles que se dedicaram ao município nos seus tempos mais difíceis. Muitos integrantes das famílias Bunn e Schwabe têm seus nomes registrados em homenagens a eles prestadas pela municipalidade.

Vias públicas do Município de Rancho Queimado homenageando as famílias Bunn e Schwabe:

Lei N°	Data	Vias públicas/Homenageados
195	08.11.1978	Rua Jacob Guilherme Bunn
574	08.09.1989	Rua Guilherme Jacob Bunn
830	29.06.1993	Rua Mathias Augusto Schwabe
835	25.08.1993	Rua Carlos Hugo Iung (marido de Adelina Schwabe)
1.625	08.09.2015	Rua Dona Maria Tereza – Maria Tereza Bunn Koester
1.295	04.05.2006	Rua Maria Kretzer Bunn
1.411	02.06.2009	Rua Maria Kretzer Bunn
918	08.06.1995	Ginásio de Esportes Dona Otília – Otília Schappo Bunn

## Parte 2 – A Herança Cultural

Momentos e histórias da família de **Celestina Bunn e Mathias Augusto Schwabe**, lembranças colhidas pelas autoras, no decorrer do tempo, estão aqui registradas. Procuramos reuni-las e trazer nossos avós maternos e a vivência familiar para mais perto de nós.

Mencionando as atividades de Mathias Augusto, os filhos lembravam que ele era bastante procurado por colonos da região, que buscavam, não só a qualidade de seus serviços como ferreiro, mas também os seus conselhos.

Durante a maior parte de sua vida, manteve a atividade na ferraria e os trabalhos no campo, para os quais, além de contar com a ajuda dos filhos, contratava o trabalho de empregados, que, durante a semana, moravam em sua casa. “[...] *dos filhos, o que mais tempo trabalhou com o Pai fui eu*”,<sup>47</sup> lembrava Osvaldo Paulo.

Sobre os dias em que era chamada a auxiliar o pai na ferraria, Cecília Schwabe contava:

*Ajudei o Papai na ferraria quando ainda era uma menina magrinha. O Tilo trabalhava fora, o Irineu era pequeno demais, e eu fui chamada para puxar o fole e manter a brasa acesa. Eu era tão pequena que subia junto quando a peça subia, e*

<sup>47</sup> SCHWABE, Osvaldo Paulo. Entrevistas [fev. 2010 a dez. 2010]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Rancho Queimado/SC, 2009 (anotações em bloco de notas).

*alguém que estivesse perto precisava me puxar para baixo. Por isso, me vestia sempre como um menino e com chapeuzinho tapando os cabelos.*<sup>48</sup>

A necessidade de mãos para completar o trabalho levou, mais tarde, também os netos à ferraria. Milton Carlos (bisneto de Matias) conta:

*Meu pai, Milton Jacó Iung, trabalhou como ajudante na ferraria do meu bisavô Mathias, pai da minha avó Adelina: ele segurava os pés dos cavalos e bois para ferrar e ajudava a puxar ou bombear o fole para esquentar o fogo das ferragens. Quando, mais tarde, já com uns 14 anos, ele também martelava ferro quente para moldar ferramentas.*<sup>49</sup>

O filho mais velho de Mathias Augusto, José, ficava encarregado das plantações, segundo contavam Osvaldo Paulo e Cecília. Eles lembravam também que todas as roupas eram feitas em casa – as coberturas de cama e mesa e, também, roupas de baixo, vestidos, calças masculinas e camisas. Tudo ali se produzia. As filhas aprendiam a costurar com a mãe e depois a ajudavam na confecção das roupas que Celestina cortava segundo a necessidade. Quando mais crescidas, as meninas receberam aulas de costureiras renomadas na região. "*Maria costurava muito bem*", elogiava Osvaldo Paulo. Esse conhecimento veio a ser, para ela, fator de sobrevivência: foi costurando em Joaçaba, que Maria enfrentou os dias de dificuldades financeiras que acompanharam a longa doença do marido e a educação dos filhos.

Cecília concordava, lembrando: "*Eu, depois, também aprendi a fazer roupas finas*". Anos mais tarde, morando em Joaçaba, Cila (Cecília) era reconhecida pela perfeição de seu trabalho, ficando responsável pelas mais delicadas peças da boutique em que trabalhava.<sup>50</sup>

Aquilo que não era produzido pela família Bunn/Schwabe, ao redor da casa ou no faxinal, era comprado em Palhoça, Santo Amaro e Florianópolis. Também os tecidos eram buscados nessas cidades, e nelas se hospedavam os irmãos Schwabe quando se interessavam por novos aprendizados.

Costume talvez trazido da velha Europa, o cultivo do jardim sempre mereceu uma atenção especial por parte da família. "*Eu era encarregada do jardim*", mencionava Maria<sup>51</sup>, a filha mais velha. Esse cuidado pode ser reconhecido no trabalho dedicado às flores, mesmo atualmente, por todas as mulheres da família. Interessante é notar-se um carinho especial pelas roseiras ainda presente na preferência de todos.

Contava Cecília que, em determinada oportunidade, ela perguntou ao pai:

---

<sup>48</sup> SCHWABE, Cecília. Entrevistas [fev. 2008 a dez. 2009]. Entrevistador: Clarmi Regis. Campinas, São José/SC, 2009.

<sup>49</sup> IUNG, Milton. Entrevistas [mai. 2010]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Curitiba/PR, 2010.

<sup>50</sup> SCHWABE, Cecília. Entrevistas [fev. 2008 a dez. 2009]. Entrevistador: Clarmi Regis. Campinas, São José/SC, 2009.

<sup>51</sup> SCHWABE, Maria. Entrevistas [jan. 2002 a jun. 2002]. Entrevistador: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2002.

*[...] se os serviços prestados não estavam dando prejuízo, uma vez que, além de dar conta do serviço solicitado, recebia os colonos em sua residência; ali eles tomavam café, almoçavam, se hospedavam. Ele respondeu que não importava o preço, mas sim o fato de que todos eram seus amigos.*

*Brincar? Não, a gente não brincava. Aprender a trabalhar era o brinquedo. Todos ajudavam desde muito pequenos, carregando baldes menores ou menos cheios, usando enxadinhas e ferramentas de mais fácil manejo. Os cuidados eram muitos. A Tereza ajudava o Papai no faxinal. Depois que ela casou, passei eu a ir ao faxinal com o Papai. Tinha uma zebua braba que só obedecia a mim, os outros nem chegavam perto.<sup>52</sup>*

No entanto todos se recordam dos momentos divertidos em que escorregavam do morro que fazia fundos com a casa sentados em folhas de palmeira ou pedaços de madeira. Essas lembranças nos fazem pensar que se tratava de um tempo de interação entre os filhos, visto como uma forma de relaxar do trabalho.

As tarefas eram divididas: o jardim, a horta, o pasto; os meninos nascendo. Maria Schwabe contava: "*Sempre que nascia um irmãozinho novo, Mamãe me chamava e dizia: 'Agora você cuida do maiorzinho e a Mamãe fica com o pequeno', e eu fiquei, desde pequeninha, encarregada de meus irmãos. Todos os menores fui eu que criei*".<sup>53</sup>

O cuidado com as crianças era permanente. Celestina, em silêncio, a todos acompanhava. Nos invernos gelados de Rancho Queimado, não deixava que os pequenos saíssem à rua. Mandava que ficassem em seus quartos, cobertos pelas cobertas de pena para se aquecerem. Também os protegia das notícias ruins, dos temores e das incertezas: "*criança não precisa saber*". Formava-se, a partir dessa visão de mundo, uma pequena comunidade que se desenvolvia ao redor de seus hábitos e valores; o afeto revelado, não em palavras ou gestos, mas entremostrado nos cuidados que algumas situações revelam.

*Eu era pequena; teria talvez dez anos, um novo irmãozinho acabara de nascer. Mãe precisava de cuidados e me encarregou de fazer o pão para a família. Chamou-me no quarto, explicou as porções dos ingredientes e como deveria amassá-los. Preparei o pão, distribuí a massa nas formas – eram muitas, para muita gente –, deixei crescer a massa e, então coloquei a lenha para esquentar o forno da rua. Quando os pães já estavam assados e fui tirá-los, tinham ficado com a casca sapecada. Papai viu minha decepção e consolou-me: "É só tirar a casca; os pães ficam gostosos mesmo assim".<sup>54</sup>*

Quando vinha visitar a família, tio Augusto Mathias, tinha por hábito chegar primeiro na ferraria, onde trocava sua roupa com Mathias Augusto Schwabe, vestindo um a roupa do outro. Apareciam então para os filhos de Mathias, esperando sua reação, já que eram

---

<sup>52</sup> SCHWABE, Cecília. Entrevistas [fev. 2008 a dez. 2009]. Entrevistador: Clarmi Regis. Campinas, São José/SC, 2009.

<sup>53</sup> SCHWABE, Maria. Entrevistas [jan. 2002 a jun. 2002]. Entrevistador: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2002.

<sup>54</sup> SCHWABE, Maria. Entrevistas [jan. 2002 a jun. 2002]. Entrevistador: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2002.

gêmeos idênticos. "*Mas nós nunca nos enganávamos, sabíamos bem qual era o nosso pai*", lembrava Maria, nos relatos sobre a infância.<sup>55</sup>

Curiosamente, em cada geração de descendentes de Mathias Augusto, também se deram casos de filhos gêmeos, univitelinos ou não, fortalecendo ainda mais a consciência de relação desses descendentes com seus antepassados.

O bom humor cultivado por Mathias Augusto teve continuidade no gosto por pi-lhérias e no hábito de pregar peças nos amigos, cultivado por seus filhos, e, ainda hoje presente em muitos de seus netos.

Destaca-se aqui o costume de dar apelidos aos filhos: Maria era Miki; José, Zeca; Tereza, Tarez; Otilio, Tilo; Cecília, Cila; Irineu, Neu e Nego; Adelina, Lin; Osvaldo, Ossi; Antônio, Toni; Ermelinda, Linda. Essa tendência se manteve nos filhos de Mathias Augusto, que, com frequência, criavam nomes inusitados para suas crianças.

Juliana, neta de Osvaldo, esclarece: "*O apelido do meu pai é Toninho. Mas o tio Zeca o chamava de Nique. Assim era o tio Zeca*".<sup>56</sup> Estélio Schwabe, seu filho, acrescenta: "*Pois é, tio Osvaldo era tio Chico*".<sup>57</sup>

Vânia Schwabe Cebola, uma das filhas de José, lembrava, rindo: "*Haha! meu pai chamava minha mãe de Selma. Certo dia, ela estava na roça, bem no morro, e chegaram visitas. Ele chamou a Mãe, só que não lembrava o nome verdadeiro dela, e ele abanava com a mão e chamava: hej, hej, hej!*".<sup>58</sup> "*Eu me lembro desse dia*", comenta a neta Cátia.<sup>59</sup>

A cozinha era domínio das mulheres. Homens na cozinha, apenas para trazer a lenha cortada: "*Homem na cozinha só atrapalha*". Essa proibição era suspensa nas noites frias de inverno, quando eles garantiam seu assento ao lado do fogão de chapa.

Os fogões à lenha, construídos com cimento e tijolos, além do espaço destinado ao cozimento, ofereciam uma larga beirada em que se mantinham aquecidos os alimentos considerados prontos. Ali também eram depositados os boiões com o leite destinado a virar coalho. Penduradas, podiam ser vistas linguças já defumadas e, talvez, cascas de laranja que, secas, ajudariam a acender o fogo nas primeiras horas do dia. A mesa de refeições é, ainda hoje, considerada lugar sagrado pela família. Ali é o encontro.

Sempre foi assim. Lembramos que, na antiga casa dos avós Schwabe, em Rancho Queimado, uma grande mesa, ladeada por bancos compridos e encabeçada por cadeiras em ambas as pontas, emprestava, ao mesmo tempo, sisudez e aconchego à sala de jantar.

---

<sup>55</sup> SCHWABE, Maria. Entrevistas [jan. 2002 a jun. 2002]. Entrevistador: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2002.

<sup>56</sup> BRUCH-SCHWABE, Juliana. Entrevistas [fev. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Rancho Queimado/SC, 2019.

<sup>57</sup> SCHWABE, Estélio. Entrevistas [fev. 2019]. Entrevistador: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2019.

<sup>58</sup> CEBOLA-SCHWABE, Vânia. Entrevistas [fev. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. São Bonifácio/SC, 2019.

<sup>59</sup> HEINZEN-KIRCHENER, Catia. Entrevistas [fev. 2019 a dez. 2019]. Entrevistador: Clarmi Regis. São Bonifácio/SC, 2019.

Filhos e netos se distribuíam nos bancos, enquanto os pais ocupavam as cabeceiras. Sinal de autoridade e também de união. Eles, pais, estavam ali, ao lado dos seus.

Juliana Prioto Martins, bisneta de Celestina e Mathias Augusto, ressalta que, nas casas dos descendentes, procura-se reunir os familiares para as refeições em comum. É o que ela chama de "*rito da mesa*", lembrando que, seja na casa da avó Ermelinda Nair, da mãe ou das tias, sentados à mesa, os familiares se aproximam para rir, para chorar, para discordar, para acertar diferenças, para comemorar, para celebrar.<sup>60</sup>

Sua tia Mariza Elena, filha de Ermelinda, também lembra o momento das refeições como de confraternização, de estar juntos: "*mesmo após terminar a alimentação, continuávamos à mesa para conversar, comemorar a chegada de visitantes, cada um contando sobre seus dias, seus afazeres*"<sup>61</sup>. Enfim, momentos de reunião em família. Por esse significado tão profundo, estar à mesa com a família continua a passar uma mensagem de pertencimento.

O aprendizado se fazia no cotidiano, no contato permanente com o espaço de convívio, na lide de sobrevivência (o leite para o gato experimentar; o palito no bolo para testar se estava no ponto; a calda de açúcar pingada na água; a massa experimentada na banha quente; o cuidado para não deixar o bolo quente tomar vento; os cremes com uma pitadinha de sal para não ficar enjoativo).

Até hoje, nas refeições comemorativas dos familiares, são servidos pratos e quitutes mantidos na memória de seus descendentes. As receitas eram passadas à nova geração no fazer conjunto – as meninas, assim como a mãe, responsáveis pela execução dos pratos. Transmitidas de geração em geração, essas receitas tornaram-se propriedade guardada com especial carinho: a galinha recheada, as linguiças, as morcilhas, os assados, a queimada de trigo no azeite, a galinha velha ensopada e comida com aipim, a salada de alface com açúcar, o repolho roxo refogado, o chucrute; o pão de massa mole e o pão sovado, o pão de ló, as cucas, os biscoitos guardados nas latas para o Natal, as broas de araruta e de polvilho, as roscas de polvilho azedo; *Eierschmia* (Schimia doce de ovo), ovos nevados, ambrosia, *Waffle*, toicinho do céu.

*Toicinho do céu, eu aprendi a fazer com a Nair; a Tereza também aprendeu e depois fazia. A receita tem alguns truques que o pessoal desconhece, por isso o doce que se vende por aí não é tão macio* (Cecília).<sup>62</sup>

Destaque-se que o toicinho do céu da tia Cila foi, desde sempre, o melhor do mundo. Toda a família reconhece. Também o croquete de carne era uma de suas especialidades.

---

<sup>60</sup> MARTINS-PRIOTO. Juliana. Entrevistas [fev. 2009 a dez. 2009]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Cuiabá/MT, 2009.

<sup>61</sup> PIRES-MENEGASSO. Mariza. Entrevistas [fev. 2009 a dez. 2009]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Lages/SC, 2019.

<sup>62</sup> SCHWABE, Cecília. Entrevistas [fev. 2008 a dez. 2009]. Entrevistador: Clarmi Regis. Campinas, São José/SC, 2009.

Mesmo com o intenso trabalho exigido pelo cotidiano, havia lugar para a criatividade. Salete Bergmann (neta de Celestina e Mathias Augusto), sobre sua infância, diz:

*Lembro, com carinho, na casa do vovô Schwabe, da tigela de manteiga no café da manhã, decorada lindamente, com florzinhas "carimbadas" com muito bom gosto pela tia Linda. Guardo essa lembrança... As florzinhas eram entalhadas, cuidadosamente, numa batata. Eu admirava, encantada, os detalhes da decoração.*<sup>63</sup>

Olcinei, também neta, filha de Otílio Matias, acrescenta: "*E eu me lembro do Rio da Vargem... tinha também pão de milho fresquinho, nata, queijinho e mel. Tem coisa melhor? Ou fornadas de pão de trigo – lá fora, no forno à lenha – que todos nós ajudávamos a fazer*".<sup>64</sup>

Cátia complementa: "*Sítio, pão de milho, nata, café, tudo de bom... lembra-me de minha infância: com carinho, o vovô Zeca separava para me dar a nata que fica em cima do leite. Mas só forma essa nata o leite não tratado.*"<sup>65</sup>

Mariza, sobre os costumes e receitas, comenta:

*Ao migrar para a região serrana, foi natural que os hábitos alimentares de minha mãe, Linda, fossem se adequando ao estilo e à tradição da comunidade local. A população da região era formada por migrantes de diferentes origens – italianos, alemães, também gaúchos e paulistas, sem esquecer os próprios nativos descendentes de tropeiros. Casada minha mãe com descendente de italianos, novos alimentos foram sendo introduzidos no cardápio da família, entre eles: massa, risoto, polenta com galinha. Na região havia muita troca de receitas, assim como o costume de participação na preparação dos alimentos, momentos em que as famílias se reuniam para jantar ou almoçar, com destaque para as noites reservadas para "tomar ou comer" o **brodo**. Embora sob tantas influências, Ermelinda sempre buscou manter os padrões de alimentação, sem esquecer sua origem germânica. Era muito comum, na maioria das famílias, aos domingos, servir galinha recheada assada, acompanhada de maionese e macarrão, o que parece ser uma soma de tradições em uma mesma refeição. Costume de todos era a produção dos pães – esses, feitos em fornadas de mais de dez unidades de cada vez, em fornos de barro. Entre eles, o pão sovado e o pão de milho. Guardo de minha infância muitas memórias culinárias, principalmente a de fazer pão, pois, desde tenra idade, eu era, em casa, incumbida dessa tarefa. A menina que fui repetia um costume das avós que eu não conhecera, conservando não só o hábito de servir à mesa o pão saído do forno como também a forma de preparação da massa.*<sup>66</sup>

Considerando que a região serrana é bastante fria, em algumas épocas do ano há falta de alguns alimentos. Assim, era comum o preparo de alimentos para a entressafra.

---

<sup>63</sup> BERGMANN, Maria Salete. Entrevistas [fev. 2008 a dez. 2009]. Entrevistador: Clarmi Regis. Chapecó/SC, 2009.

<sup>64</sup> VENDRAMINI-SCHWABE, Olcinei. Entrevistas [fev. 2018 a dez. 2019]. Entrevist.: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2019.

<sup>65</sup> HEINZEN-KIRCHENER, Cátia. Entrevistas [fev. 2019 a dez. 2019]. Entrevist.: Clarmi Regis. São Bonifácio/SC, 2019.

<sup>66</sup> PIRES-MENEGASSO, Mariza. Entrevistas [fev. 2019 a dez. 2019]. Entrevistador: Maria Menegasso. Lages/SC, 2019.

Por exemplo, as geleias, as “marmeladas”, as compotas e conservas, com o aproveitamento de frutas e hortaliças. Aqui, também, somava-se o novo desafio aos antigos conhecimentos trazidos da família de origem.

As festas maiores, na casa de Mathias Augusto e Celestina, eram o Natal e a Páscoa, comemoradas com os recursos disponíveis na época. Cecília lembrava:

*Passávamos dias preparando as bolachas confeitadas, que eram armazenadas em grandes latas e servidas na semana das festas. A casa era lavada com escova e sabão de cabo a rabo. No dia de Natal se cozinhava o peru, ensopado no tacho. Não era assado como hoje. Todos ganhavam presentes – o vestido, o sapato, aquilo que estava precisando. Na hora da mesa, cada um encontrava dentro de seu prato um boneco feito de massa de pão, para comer com a refeição.<sup>67</sup>*

As Festas de Natal continuaram a ter lugar especial nas casas dos filhos, mesmo depois que a distância se impôs entre eles. Os netos lembram com carinho a ansiedade com que esperavam a chegada dos tios e primos para as comemorações de fim de ano, a turma do oeste se reunindo sempre que possível: a chegada da tia Tereza e do tio Altino com as crianças, as novidades, as brincadeiras que não queriam ter fim. Com eles vinham as surpresas: os pêssegos em calda, as azeitonas gigantes – presentes que só quem era vizinho da Argentina poderia trazer.

Marca inesquecível do Natal era também o pinheiro (natural) cheio de bolas coloridas, neve de algodão e velas acesas, enquanto a voz clara e doce de tia Edilha cantava *Noite Feliz*, acompanhada pelo silêncio e os olhos maravilhados de todos os presentes. Às vezes, alguma vela descuidada alcançava um pedaço de neve. Logo apagado o incêndio, a alegria continuava. Bom mesmo era estar juntos e sentir o calor da amizade em toda a sua expressão.

A tradição da Páscoa esteve sempre na família de Celestina e Mathias Augusto; somados aos ritos religiosos, os presentes. Na Páscoa, todos ganhavam muitos ovos coloridos: “no começo a gente cozinhava os ovos com papel colorido na água; depois aprendemos a utilizar a casca vazia e recheá-la com amendoim e confeitos”, comentava Cecília.<sup>68</sup> O mundo externo ia acrescentando novos detalhes, o espírito da festa permanecia: era a ressurreição do Cristo crucificado simbolizada nos costumes.

A cumplicidade com os filhos continuou reproduzida no olhar de José, Otílio, Irineu, Osvaldo e Antônio. Todos os filhos, netos, sobrinhos se lembram da paciência com que os irmãos Schwabe tratavam as crianças. Tem uma passagem que vale a pena contar, diz Alessandro, filho de Odair, bisneto de Celestina e Mathias Augusto:

*Eu e o Alan (filho de Olcinei) fizemos uma pequena fogueira no cantinho da área de fora da casa em Joaçaba – detalhe, a casa era de madeira; outro detalhe, a fogueira foi acesa embaixo do parreiral seco. Enfim, o fogo pegou em boa parte da*

---

<sup>67</sup> SCHWABE, Cecília. Entrevistas [fev. 2008 a dez. 2009]. Entrevistador: Clarmi Regis. Campinas, São José/SC, 2009.

<sup>68</sup> SCHWABE, Cecília. Entrevistas [fev. 2008 a dez. 2009]. Entrevistador: Clarmi Regis. Campinas, São José/SC, 2009.

*área e da parreira, mas foi contido pela Vó, nossas mães e não lembro por quem mais. Lembro que minha mãe e meu pai quiseram me surrar, lógico; mas o vô Otílio nos pegou no colo rapidamente e, com aquele sorriso dele, falou: "De quem é a culpa? Das crianças ou dos adultos que deixam fósforo no alcance deles!?" e não deixou que batessem em nós... Esse era o vô Otílio.*<sup>69</sup>

A maioria dos filhos de Celestina e Mathias Augusto frequentou os anos escolares que eram oferecidos na escola de Rancho Queimado, estendendo, segundo seus relatos, sua permanência após o término do curso, por mais dois anos, para adquirir novos conhecimentos. Ermelinda (Linda) e Antônio (Toni) saíram ainda pequenos de Rancho Queimado, em busca de continuidade para seus estudos, no que tiveram o auxílio e apoio da família. "Eu ia a cavalo levar a Linda, na segunda-feira e ia buscá-la na sexta. Ela estudava interna no colégio das freiras em Angelina" (Cecília). Antônio Eriberto, ainda menino, foi em busca da escolarização que não encontrava em Rancho Queimado. Ele relembra: "Em 1944, fui para Campos Novos, levado pela Maria. Em 1945, fui para o Ginásio Frei Rogério, em Joaçaba. Lá, consegui um prêmio para fazer o científico no Colégio Catarinense, em Florianópolis, onde fiquei até 1951". Irineu e sua esposa, América, buscaram novos cursos em Joaçaba/SC, onde foram residir, e se formaram, mais tarde, aperfeiçoando-se em suas profissões.

Em consequência da campanha promovida pelo Governo Vargas contra o uso do alemão e a perseguição sofrida pela família, a língua alemã não foi ensinada à maioria dos descendentes. Apenas José e Adelina possibilitaram esse aprendizado a seus filhos. Edison Iung, neto de Adelina Schwabe, conversando sobre o assunto, relata:

*[...] o meu pai aprendeu em casa com meus avós, Adelina e Carlos. No tempo em que morei com meus avós, eles não nos permitiam ouvi-los falar alemão. Tínhamos entre 5 e 7 anos nessa época. Eles não queriam que, falando alemão, nós tivéssemos problemas ou fôssemos rejeitados ou humilhados como eles foram. O pai também me falou que o alemão que eles falavam era rude, aquele "simplão". Ele não lembra mais, pois parou de falar faz tempo, até por falta de alguém falar com ele. E eu não tive esse privilégio, nem meus irmãos, por medo dessa suposta represália. [...] eu adoraria falar a língua ancestral de nossa família. Seria muito bom, até acho que, se falasse alemão, estaria bem melhor profissionalmente.*<sup>70</sup>

Esse é o pensamento de quase todos, mesmo reconhecendo a necessidade de proteção que aquela decisão revelava. Muitos descendentes da família Bunn-Schwabe, num movimento de recuperação, hoje se dedicam a estudar a língua alemã. A busca por conhecimentos e a curiosidade têm sido uma constante na família.

Ensinar também parece estar na vocação familiar. Filhos e noras de Mathias Augusto e Celestina dedicaram-se ao magistério: Edilha, Ermelinda, América, Lais, Antônio. Um

---

<sup>69</sup> SCHWABE, Alessander. Entrevistas [fev. 2018 a dez. 2019]. Entrevistador: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2019.

<sup>70</sup> IUNG, Edison. Entrevistas [mai. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Curitiba/PR, 2019.

grande número de netos e bisnetos também veio a fazer do trabalho de professor o seu cotidiano.

A noção de respeito definida por Mathias Augusto e Celestina vinha associada aos valores: *os mais velhos primeiro; dê o lugar para sua tia; cuide das crianças; isso é assunto de gente grande; irmãos não devem brigar; não responda a seus pais; peça a bênção a seus pais; não diga o nome de Deus em vão; não maltrate os mais fracos*, como todos nós descendentes lembramos. Tais valores significavam, mais que tudo, a preservação da família: os problemas vividos em conjunto tornavam pais e irmãos responsáveis uns pelos outros.

Esse princípio de fraternidade e de responsabilidade mútua foi mantido pelos filhos em todos os momentos. Eles cuidavam uns dos outros, hospedavam os parentes em suas casas, protegiam-se mutuamente. As férias na casa do tio Tilo, correndo morro abaixo, colhendo ingás, ariticuns, gabiobas, sete capotes, pitangas, são lembradas com saudade. Ir a Mondaí: ver as balsas atravessando a imensidão do rio Uruguai está entre as melhores recordações da infância dos filhos de Maria.

O respeito aos animais era enfatizado: *nunca se maltrata um animal*. A vida da família era profundamente ligada à ajuda que o animal prestava, com seu trabalho, com o leite da ordenha e também com seu sacrifício, ao se transformar em alimento. Talvez por essa razão fosse visto como companheiro do cotidiano. Gatos e cachorros fizeram parte da infância de todos. São lembrados pelos nomes, com carinho e sorrisos despertados pelas histórias das aventuras que juntos viveram. Otílio, com os filhos já crescidos, mantinha especial cuidado com “uma papagaia” de estimação.

Nas relações humanas, o cuidado era permanente: *se falarem mal de alguém... você não sabe de nada; não se nega água a ninguém; não se deixa ninguém passar fome; passar frio é muito triste*. Lembranças atávicas? Talvez. *Não se desperdiça comida, Não se joga comida fora*.

Também os cuidados com a higiene e a saúde eram constantemente lembrados: *não lamba a colher, bote um pouquinho na palma da mão; lave as mãos antes de vir para a mesa; deixe o chinelo sujo na porta; não coma sem lavar; bote um chinelo quando andar no chão frio; fruta verde dá dor de barriga; se for necessário coçar os olhos, use o pulso, nunca passe os dedos nos olhos*. Muitas vezes, esses conselhos eram acompanhados de superstições: *calce primeiro o pé direito; não deixe o chinelo virado para baixo* (o mesmo valia para o pão); *não derrame sal*.

Os caminhos de desenvolvimento e integração que a política governamental mandava abrir em direção ao interior, até Lages e, dali, em direção ao oeste, serviram também de chamado aos descendentes de Celestina e Mathias Augusto, levando muitos deles a participar desse trabalho e, ao mesmo tempo, procurar novos destinos, inicialmente, para Rio da Vargem, hoje Vargem, e Campos Novos; depois para cidades do meio-oeste e do

oeste – Joaçaba, Águas de Chapecó, Chapecó, Mondaí. As irmãs Tereza e Maria antecederam os irmãos e seguiram com seus companheiros, num primeiro momento, para Campos Novos.

Recém-saída da Guerra do Contestado, a região ainda delineava suas feições. Altino e Santos foram os primeiros a se embrenhar na mata, coordenando os trabalhos de abertura de uma via recoberta de cascalho que permitiria a integração do litoral com o interior do Estado. Tudo estava por fazer. Poucos aglomerados humanos espalhados aqui e ali.

No extremo oeste, na região de Águas de Chapecó, para onde Maria se deslocou mais tarde com a família, em decorrência de sério problema de saúde, encontraram os familiares uma parceria inesperada. Ali, diferentemente do que acontecia no litoral, os indígenas chamados pelos moradores de bugres, mantinham residências. Juntos sobreviviam: trocavam mercadorias, criavam cumplicidade. Outro Brasil se revelava.

De volta ao meio-oeste, Maria fixou-se em Joaçaba; Tereza passou a residir em Mondaí; Otílio, em Rio da Vargem e, depois, também em Joaçaba; Irineu, inicialmente, morou em Joaçaba e, depois, em várias outras cidades do oeste até chegar a Blumenau; Cecília trabalhou em Joaçaba e em outras cidades próximas durante alguns anos, antes de se casar e voltar para o litoral.

José e Hilda também se encaminharam para o extremo oeste, onde residiram por algum tempo. Mas as raízes na terra natal os trouxeram de volta. Assim, optaram por se fixar em São Bonifácio, onde construíram suas relações familiares, sociais e políticas. A proximidade, por outro lado, permitia que estivessem presentes nos cuidados com Mathias Augusto e Celestina sempre que necessário. Seus filhos, assim como os de Osvaldo e Zaíde, Adelina e Carlos, foram os que mais conviveram com os avós.

Ermelinda Nair (Linda) juntou-se às cunhadas Edilha Schauffler e América Borba em sua dedicação ao magistério. Também ela se fixou em Rio da Vargem como professora. Ali, conheceu Hélio Menegasso, com quem se casou.

Hélio Menegasso trabalhava com transporte de madeira para uma serraria local. Eram os anos da construção de Brasília e da interiorização do governo. Novas edificações se erguiam no centro-oeste brasileiro. De forma anônima, Hélio fez parte desse momento histórico, levando para a região o madeirame que dava sustentação às construções e, no retorno das viagens, transportando aparelhos e peças não encontradas no sul.

Assim, contribuiu com a CASAN<sup>71</sup>, que iniciava a instalação de redes hidráulicas na região de Florianópolis, trazendo de Minas Gerais a Santa Catarina o material necessário a esse trabalho.

---

<sup>71</sup> CASAN = Companhia Catarinense de Águas e Saneamento.

Antônio transferiu-se para Curitiba para cursar engenharia e lá se graduou em 1956. Por convite do Governador de Santa Catarina, dedicou-se ao programa de instalação de água e esgoto em Florianópolis e em Balneário Camboriú. Mais tarde, desenvolveu esse programa também em várias cidades paranaenses: Maringá, Apucarana, Mandaguari, Nova Esperança, Loanda, Campo Mourão, Londrina. Foi o responsável pelo projeto de fornecimento de energia elétrica em Maringá, cidade em que se fixou com a família e ajudou a crescer.<sup>72</sup> "Depois ainda fiz vários prédios até passar a firma para meu filho Eduardo"<sup>73</sup>, acrescenta.

Curitiba foi, durante muito tempo, procurada como um centro maior. Dizia-se, então, que Curitiba era a capital dos catarinenses. E o Paraná se tornou o novo chamado. A exemplo de Antônio, o sobrinho Clarimar Regis, filho de Maria Schwabe, também se transferiu para Curitiba, onde passou a residir.

Para o Paraná se encaminharam Mário, Marilda, Marina, Milton Iung. Os pais, Adeline e Carlinhos – como era chamado em família – e a caçula Marlene seguiram esse caminho. Um novo momento, outras oportunidades pela frente.

Os descendentes de Celestina Bunn e Mathias Augusto Schwabe encontram-se hoje em vários lugares do País e do mundo. Novas buscas, novos encontros. Ir a Rancho Queimado foi sempre visitar o tio Ossi e a tia Zaide, voltar às origens da família Bunn/Schwabe.

Destaque-se que, dos dez filhos de Mathias Augusto Schwabe e Celestina Bunn, Osvaldo Paulo foi o único a constituir sua família em Rancho Queimado e ali sempre residir, participando ativamente da vida comunitária e política do município.

## Considerações finais

As autoras – netas de **Mathias Augusto Schwabe** e **Celestina Bunn** – nos ocupamos neste texto apenas com a descendência de **Jacobus Bunn** e **Maria Catharina Heiterscheid** e **Johann August Schwabe** e **Gertrudes Junckes**, nossos bisavós. Este recorte é necessário pelo fato de, além da extensão da descendência, lidar-se com a ausência de dados ou de informações conclusivas sobre os descendentes e seus paradeiros.

Constatamos que, com o passar dos anos, premidos pela vida, pela necessidade, por novos anseios, os descendentes de Mathias Augusto e Celestina foram deixando Rancho Queimado. O mesmo espírito de enfrentamento e coragem que havia impulsionado os antepassados a atravessar o Atlântico em busca de oportunidades levava agora as novas gerações à diáspora e ao encontro de novos desafios. Carregavam consigo, entretanto,

---

<sup>72</sup> Em reconhecimento por seu trabalho, Antônio Eriberto Schwabe foi homenageado com a concessão do título de Cidadão Benemérito de Maringá/PR, através da Lei nº 4.812/99.

<sup>73</sup> SCHWABE, Antônio Eriberto. Entrevistas [fev. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Maringá/PR, 2019.

talvez sem que disso se dessem conta, os valores neles internalizados que transmitiriam aos filhos.

Novas influências somaram-se aos valores que traziam de seu espaço natal. As relações que passaram então a estabelecer por seus casamentos com outras culturas, com descendentes de diferentes origens, com pessoas de diversos credos e religiões, marcam também uma nova forma de ver o mundo. O horizonte e a perspectiva então se alargam e multiplicam.

Esses descendentes entregam-se hoje a profissões que se mostram desdobramentos das atividades trazidas por seus ancestrais e aqui praticadas: o trabalho na terra, o trabalho com as mãos, o trabalho intelectual. E, assim, entre eles, encontram-se agricultores, mecânicos, engenheiros, negociantes, empresários, professores, médicos, juristas; há os que se dedicam à arte e os que se dedicam ao comércio, os que se dedicam à pesquisa e os que realizam trabalhos práticos e objetivos; todos, de alguma forma, dando continuidade ao sonho que embalou seus pais.

Registramos neste relato algumas informações que pudemos colher sobre os caminhos trilhados por uma pequena parte dos integrantes de nossa hoje grande família descendente dos imigrantes Bunn e Schwabe. Impossível, em um punhado de páginas, alcançar a todos.

A nossos antepassados comuns, nosso agradecimento, por sua garra e dignidade e pelos preciosos exemplos e valores que nos deixaram.

Como herança, nós todos carregamos a certeza de que, de nossa luta e de nossa união, somadas à contribuição vinda do conhecimento adquirido no mundo maior, resulta o amálgama que nos tem permitido tantas conquistas e vitórias em diferentes situações de enfrentamentos e desafios.

## **Referências**

- BUNN, Nelson Jacob. **Wilhelm (Guilherme) e seus filhos**: pesquisa sobre a Família Bunn. Lages, s.d. (texto inédito).
- BUNN, Nelson Jacob. **Descendentes de Wilhelm Bunn – Patriarca Bunn** – descendentes de Leopoldo Bunn e Alaides Ramos W. Bunn. Lages, s.d. (texto inédito).
- BUNN, Nelson Jacob. **Genealogia Bunn**. Lages: s.d. (texto inédito).
- CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.
- Cartório de Registro Civil e Tabelionato. **Certidão de casamento**. Livro nº B/2. Angelina.
- GRAEBNER, Elisabeth. **A vida em outras palavras**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.
- IUNG, Luiz Carlos. **Notas** sobre Rancho Queimado e as famílias Schwabe e Iung, 2009 (texto inédito).

JOCHEM, Toni (Org.). **São Pedro de Alcântara 1829-1999**: aspectos de sua história. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.

JOCHEM, Toni. **A epopeia de uma imigração**. Águas Mornas/SC: ed. do autor, 1997.

JOCHEM, Toni. **Pouso dos imigrantes**. Florianópolis: Papa-Livro, 1992.

**Livro de Batismos e Casamentos da Colônia Teresópolis**. Anos 1888-1898, p. 69, nº 63.

PHILIPPI, Aderbal João. **São Pedro de Alcântara**: a primeira colônia alemã em Santa Catarina. Florianópolis: Edição do Autor, 1995.

REGIS, Clarmi; MENEGASSO, Maria Ester. **Uma Germânia nos trópicos**: a família de Celestina Bunn e Mathias Augusto Schwabe. Florianópolis/SC. Ed. das autoras, primavera 2020.

STEINER, Carlos Eduardo. **Famílias pioneiras na colônia Santa Isabel (1847-1865)**. Campinas: Edição do autor, 2019b.

STEINER, Carlos Eduardo. **Famílias pioneiras na colônia Teresópolis (1860-1865)**. Campinas: Edição do autor, 2019c.

TAYLOR, Mitsi Westphal. **Germânia, as emigrações e as primeiras colônias germânicas no Brasil**. Florianópolis: Ed. Secco, 2017.

WILLEMS, Emílio. **Aculturação dos alemães no Brasil**. Série 5ª, Brasileira, Vol. 250. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Companhia Editora Nacional, 1946.

## **Webgrafia**

ENDRICA, Geraldo. **O "perigo alienígena"**: política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945). Tese de doutorado. UNICAMP: Programa de Pós-Graduação em História. Campinas: Biblioteca Digital da Unicamp, 2009. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/> . Acesso em: 10 nov. 2019.

<https://arquivfln.org.br/arquivo-historico/>. Acesso em: 30 nov. 2009 e em 2019.

<https://www.familysearch.org/tree/person/details/LY4P-7XH>. Acesso em: 2009, 2010 e 2019.

[www.genealogiasul.xpg.com.br/pafg150.htm#3380](http://www.genealogiasul.xpg.com.br/pafg150.htm#3380). Acesso em: 30 nov. 2009.

<http://gw2.geneanet.org/index.php3?b=luizhames&lang=en;p=guilelmi;n=bunn>. Acesso em: 30 nov. 2009.

<https://www.familysearch.org/tree/person/details/LY4P-7XH>. Acesso em: 2019

<https://www.familysearch.org/tree/>. Vários acessos até mai. 2020.

<http://www.rq.sc.gov.br/historia>. Acesso em: 30 nov. 2019.

<https://sites.google.com/view/genealogiaestacio/>. Acesso em: ago. 2020.

Deutschland Geburten und Taufen, 1558-1898, database, FamilySearch. <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:N64B-5XM>: 25 March 2020, Guilelmi Bunn in entry for Joannes Bunn, 1860. Acesso em: 2009, 2010 e em 25 mar. 2020.

<https://gw.geneanet.org/genealogiasulbrasile?lang=en&p=gertrudes&n=junkers&oc=1> Acesso em: 2019

Luxemburg Zivilstandsregister, 1796-1941 Mersch Naissances 1818-1869. Acesso em: 2019.

<https://www.familysearch.org/tree/person/changelog/L6M2-CM7> . Acesso em: 2019.

<https://www.familysearch.org/tree/pedigree/portrait/K2Q2-FH5> . Acesso em: 2009.

<http://data.matricula-online.eu/de/LU/luxemburg/mersch/KB-37/?pg=50>, Batizado Theresia, nº 27. Acesso em: 2019.

<http://data.matricula-online.eu/de/LU/luxemburg/folscheid/KB-07/?pg=32>, Batizado Andreas, nº 8. Acesso em: 2019.

<http://data.matricula-online.eu/de/LU/luxemburg/mersch/KB-37/?pg=123>, Batizado Maria, nº 37. Acesso em: 2019.

<http://data.matricula-online.eu/de/LU/luxemburg/folscheid/KB-08/?pg=27>, Casamento Andreas e Theresia, nº 2. Acesso em: 2019.

<https://www.instagram.com/p/Cr1xZEvJOJV/>, viagem pelosul. Acesso em: 26 fev. 2024.

<https://www.familysearch.org/tree/pedigree/landscape/KXDZ-ZX> . Acesso em: 26 fev. 2024.

<https://gw.geneanet.org/genealogiasulbrasile?lang=en&p=gertrudes&n=junkers&oc=1>. Acesso em: 2019.

## **Outros**

BRUCH-SCHWABE, Juliana. **Foto casa da família atual**. Acervo.

JOCHER, Toni. **Fotos**. Acervo.

MENEGASSO, Maria Ester. **Fotos**. Acervo.

REGIS, Clarmi. **Fotos**. Acervo.

REGIS-KNIPPSCHILD, Mariana. **Foto da Igreja de Mersch**, Luxemburgo. Acervo.

THIVES, Nair Adelaide Bunn. **Fotos da Família Bunn**. Acervo.

## **Instituições consultadas**

Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina – Cúria Metropolitana de Florianópolis/SC.

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Cartório de Registro Civil de Angelina/SC.

Cartório de Registro Civil de Rancho Queimado/SC.

Cartório de Registro Civil e Tabelionato. **Certidão de casamento**. Livro nº B/2. Angelina.

Cúria Metropolitana de Florianópolis.

Livro de Batismos e Casamentos da Colônia Teresópolis. Anos 1888-1898, p. 69, nº 63.

Certidões de nascimento expedidas pela Escrivania de Paz do Município de Rancho Queimado, Comarca de Santo Amaro da Imperatriz, e pela Escrivania de Paz de Angelina, Santa Catarina.

Certidão de óbito de Mathias Augusto Schwabe, expedida pela Escrivania de Paz, Município de Rancho Queimado, Comarca de Santo Amaro da Imperatriz, Santa Catarina.

## **Legislação: Município de Rancho Queimado**

Lei nº 835/1993, de 25 de agosto de 1993

Lei nº 1.533/2013, de 05 de março de 2013

Lei nº 195/1978, de 08 de novembro de 1978

Lei nº 574/1989, de 08 de setembro de 1989

Lei nº 830/1993, de 29 de junho de 1993

### **Pessoas entrevistadas**

BERGMANN, Maria Salete. Entrevistas [fev. 2018 a dez. 2019]. Entrevistador: Clarmi Regis. Chapecó/SC, 2019 (anotações em bloco de notas).

BRUCH-SCHWABE, Juliana. Entrevistas [fev. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Rancho Queimado/SC, 2019 (gravação em celular e anotações em bloco de notas).

CEBOLA-SCHWABE, Vânia. Entrevistas [fev. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. São Bonifácio/SC, 2019 (gravação em celular e anotações em bloco de notas).

HEINZEN-KIRCHENER, Catia. Entrevistas [fev. 2019 a dez. 2019]. Entrevistador: Clarmi Regis. São Bonifácio/SC, 2019 (anotações em bloco de notas).

IUNG, Edison. Entrevistas [mai. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Curitiba/PR, 2019 (gravação em celular e anotações em bloco de notas).

IUNG, Milton. Entrevistas [mai. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Curitiba/PR, 2019 (gravação em celular e anotações em bloco de notas).

KOERICH-SCHWABE, Lourena. Entrevistas [fev. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. São Bonifácio/SC, 2019 (gravação em celular e anotações em bloco de notas).

MARTINS- PRIOTO, Juliana. Entrevistas [fev. 2019 a dez. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Cuiabá/MT, 2019 (anotações em bloco de notas).

MENEGASSO-SCHWABE, Ermelinda Nair. Entrevistas [fev. 2009 a dez. 2009]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Lages/SC, 2009 (anotações em bloco de notas).

PIRES-MENEGASSO, Mariza. Entrevistas [fev. 2019 a dez. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Lages/SC, 2019 (anotações em bloco de notas).

ROCHA, Paulo César. Entrevistas [fev. 2019 a dez. 2019]. Entrevistador: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2019 (anotações em bloco de notas).

SCHWABE, Alessandro. Entrevistas [fev. 2018 a dez. 2019]. Entrevistador: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2019 (anotações em bloco de notas).

SCHWABE, Antônio Eriberto. Entrevistas [fev. 2019]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Maringá/PR, 2019 (gravação em celular e anotações em bloco de notas).

SCHWABE, Cecília. Entrevistas [fev. 2008 a dez. 2009]. Entrevistador: Clarmi Regis. Campinas, São José/SC, 2009 (anotações em bloco de notas).

SCHWABE, Estélio. Entrevistas [fev. 2019]. Entrevistador: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2019 (anotações em bloco de notas).

SCHWABE, Maria. Entrevistas [jan. 2002 a jun. 2002]. Entrevistador: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2002 (anotações em bloco de notas).

SCHWABE, Osvaldo Paulo. Entrevistas [fev. 2010 a dez. 2010]. Entrevistador: Maria Ester Menegasso. Rancho Queimado/SC, 2009 (anotações em bloco de notas).

SMITT, Imelda. Entrevistas [fev. 2018]. Entrevistador: José Francisco Salm. Brusque/SC, 2018 (anotações em bloco de notas).

VENDRAMINI-SCHWABE, Olcinei. Entrevistas [fev. 2018 a dez. 2019]. Entrevistador: Clarmi Regis. Florianópolis/SC, 2019 (anotações em bloco de notas).

### **Como citar este artigo**

REGIS, Clarmi; MENEGASSO, Maria Ester. **A descendência Bunn/Schwabe**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2024. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>